

**Psicanálise, literatura e cinema:
um projeto de extensão com adolescentes em uma escola estadual**

*Psychoanalysis, literature and cinema:
an extension project with teenagers at a state school*

Kayky Costa da SILVA¹
Gabriel Beleze MOURATO²
Eduardo Toshio KOBORI³

Resumo

O artigo apresenta o projeto “Psicanálise, Literatura e Cinema”, realizado em uma escola estadual com estudantes do ensino médio. O objetivo do projeto é promover espaços de escuta e reflexão sobre questões culturais e sociais permitindo aos adolescentes explorarem temas relacionados à identidade e emoções. A proposta se fundamenta na Psicanálise, compreendendo que as artes têm poder de atravessar aspectos inconscientes e simbólicos por meio da identificação e associações entre as obras artísticas e a própria história de vida, facilitando a expressão de sentimentos e a formação de pensamento crítico nesta fase do desenvolvimento. Assim, os resultados obtidos mostram grande envolvimento dos alunos, destacando a importância do projeto no fortalecimento da subjetividade, identidade e na construção de uma comunidade reflexiva e crítica, bem como colabora para a formação dos alunos do próprio curso de Psicologia, que ganham experiências em campo para além do caráter teórico.

Palavras-chave: Projeto de extensão. Psicanálise. Arte. Adolescência. Escola.

Abstract

The article presents the project "Psychoanalysis, Literature and Cinema", carried out in a state school with high school students. The objective of the project is to promote spaces for listening and reflection on cultural and social issues, allowing adolescents to explore themes related to identity and emotions. The proposal is based on Psychoanalysis, understanding that the arts have the power to cross unconscious and symbolic aspects through the identification and associations between artistic works and the life story itself, facilitating the expression of feelings and the formation of critical thinking at this stage of development. Thus, the results obtained show great involvement of the students,

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO). Pesquisador PIBIC/Unifio voluntário. E-mail: kaykycosta.1805@gmail.com

² Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO). Pesquisador Bolsista CNPq de Iniciação Científica. E-mail: beleze17@gmail.com

³ Pós-doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professor do Curso de Graduação em Psicologia no Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO). E-mail: eduardo.kobori@unifio.edu.br

highlighting the importance of the project in strengthening subjectivity, identity and in the construction of a reflective and critical community, as well as collaborating with the training of students of the Psychology course itself, who gain experiences in the field beyond the theoretical character.

Keywords: Extension project. Psychoanalysis. Art. Adolescence. School.

Introdução

O projeto de extensão apresentado neste artigo recebe o nome de “Psicanálise, Literatura e Cinema”, e compõe as práticas acadêmicas de um Centro Universitário localizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Trata-se de um projeto de extensão que teve início em 19 de agosto de 2022 (completando dois anos de atividade em 2024), de modo que se organiza semestralmente. Desta forma, no primeiro semestre de 2024, o projeto contemplou às turmas do 1º ao 3º ano do ensino médio, abrangendo cerca de 50 alunos.

Nesse sentido, sua atuação acontece de maneira a articular o ensino, a pesquisa e a prática, bem como previsto na resolução do Ministério da Educação nº 7, de 18 de dezembro de 2018, cujas diretrizes preveem a interação entre a construção e a disseminação dos conhecimentos com a prática cotidiana, assim como é explicitado no Art. 3º do documento:

Art. 3º A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.

Com isso, a proposta traz a interdisciplinaridade ao pensar a interação entre a Psicanálise, a Literatura e as artes, e ainda, um olhar atento para questões culturais e políticas dentro de sua estrutura, conectando-se, assim, àquilo que é colocado como princípio fundamental na atuação do psicólogo, ou seja, atuar com “responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005, p. 12).

Dessa forma, é válido destacar que a proposta extensionista apresentada aqui possui sua origem baseada no projeto integrador curricular desenvolvido anteriormente com o terceiro termo do curso: o “Psicoflix”. Tal projeto trabalhou com o objetivo de exibir filmes e, a partir disso, fomentar a produção de discussões sobre temáticas associadas a questões contemporâneas, ampliando o acesso à cultura, ao cinema e a assuntos ligados ao campo da Psicologia.

Logo, a reorganização do projeto e sua implementação de forma extracurricular, visam os benefícios proporcionados pela prática da psicanálise e da extensão para estudantes que ainda não iniciaram as atividades de estágios clínicos obrigatórios, bem como promover a literatura e a arte para a comunidade externa. Assim, a atividade executada em campo surge no sentido de apresentar e problematizar conteúdos literários (poemas, capítulos de livros e alguns outros textos), músicas, filmes e etc., de modo a proporcionar reflexões e debates com grupos de adolescentes em instituições escolares.

Depreende-se, portanto, que o projeto, fundamentado na proposta psicanalítica, busca proporcionar aos adolescentes uma posição de reflexões, identificações, investimentos e consciência de si, na medida em que promove a materialização simbólica ou ilustração de situações complexas para psique humana, fazendo os adolescentes desenvolverem o pensar e, simultaneamente, possibilitando a construção de caminhos por meio da literatura (Gutfreind, 2020).

Relacionado ao efeito na comunidade, ou seja, tendo em vista os adolescentes alcançados pelo projeto, fica evidente a sua relevância diante da contribuição para a formação como seres pensantes e capazes de atuarem na sociedade a partir das reflexões aos quais esses são convidados. Considerando as demandas que esses adolescentes são submetidos dentro do sistema de ensino, é válido ressaltar que tais reflexões ficam em segundo plano, ou são deixadas de lado dentro da dinâmica escolar. Segundo Laval (2019), o neoliberalismo, como sistema modelador de subjetividades, visa o silenciamento simbólico dos sujeitos, afastando as expressões diferentes dentro da escola e impondo regras estritas, logo, opta-se pela competitividade e controle de corpos para a exploração manipulatória do saber dos adolescentes, acarretando um tipo de surdez de si e do mundo.

Assim, o projeto é, em alguns casos, o único espaço no qual os alunos podem se expressar verdadeiramente e a partir disso experienciar sentimentos e sensações para, então, refletir sobre elas. Diante disso, notamos a importância das atividades, de modo

que se conectam a produção de subjetividades, bem como a validação de diferentes formas de existência dos indivíduos envolvidos, de forma que isso se interliga ao que afirma Mansano (2009, p. 111):

Nesse sentido, valores, ideias e sentidos ganham um registro singular, tornando-se matéria prima para expressão dos afetos vividos nesses encontros. Essa produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva.

Desse modo, é aqui que o projeto aparece em sua importância para a sociedade e comunidade, ou seja, a partir do contato com a arte feita em grupo, unida a essa construção coletiva dos modos de se fazer sujeito, visa-se a produção interpessoal de reflexões por parte dos discentes do curso em campo e por parte dos alunos da instituição, criando um ambiente outro para a organização escolar e possibilitando o compartilhamento de ideias e expressão de sentimentos.

A arte atravessando o adolescer pelo simbólico

A arte, ao longo da história, tem um papel essencial no processo de expressão da humanidade, e de acordo com Freud (1913/2012, p. 359-360) trata-se de uma:

[...] realidade convencionalmente admitida, em que, graças à ilusão artística, símbolos e formações substitutivas podem suscitar afetos verdadeiros, a arte constitui um reino intermediário entre a realidade que frustra os desejos e o mundo de fantasia que os satisfaz, um âmbito em que permanecem em vigor, por assim dizer, as aspirações de onipotência da humanidade primitiva.

Com isto, ao se envolver com a criação de obras artísticas, o artista encontra um espaço onde pode experimentar uma forma de comunicação que vai além daquilo que experimenta, no qual os símbolos e as metáforas expressam aquilo que é difícil de ser dito, daquilo que intermedia sua própria existência (Freud, 1913/2012). Desta forma, o sujeito consegue realizar seus desejos, despertar emoções que estavam recalçadas, mudar situações anteriores ou ainda ressignificar experiências passadas, assim, materializando na ficção seus conteúdos do campo inconsciente (Herrmann, 2017).

Com isto, de acordo com Kobori (2023), se o autor da obra passa por um processo linguístico de conexões a fim fazer-se no mundo, não seria adverso pontuar o mesmo sobre aquele que consome a arte. Este realiza certa forma de deslizamento, movendo-se de símbolo em símbolo, significante a significante, a partir das obras que consome. Desta forma, ainda segundo tal autor, o leitor é conduzido por associações que vão além do texto ou da imagem explícita, revelando significados que surgem por meio de sua própria experiência subjetiva e pela percepção dos significados ali postos (Kobori, 2023). Isto é, consumir arte, tal qual fazê-la, faz os sujeitos entrarem em contato com o processo criativo de refletir sobre si e sobre o mundo, pensar sobre o existir.

Este movimento interno provoca um envolvimento entre seus conteúdos com os conteúdos da obra, abrindo caminho para a reflexão e a identificação - tanto em sentido comum tanto psicanalítico -, visto que, “reflete sobre o efeito que fruiu, reunindo então recursos simbólicos para apreender o fenômeno e atribuir algum sentido a esta experiência” (Kobori, 2023, p. 190). Válido destacar que conceito de Identificação pode ser entendido como a incorporação de um elemento objetual do exterior para o Eu a fim de constituí-lo (Freud, 1921/2011), ou ainda, em consonância com esta ideia, como “a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem [...], é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para antecipação – e fabrica para o sujeito [...] as fantasias” (Lacan, 1937-1949/1998, p. 97). Em outros termos para o caso presente, apresenta-se na tomada de uma imagem artística que, à semelhança do sonho, funciona como um encadeamento de metáforas e emoções, as quais lhe representa e comove, tal qual uma alegoria que atravessa o sujeito simbolicamente e, na mesma medida, pode demonstrar uma parte inconsciente não revelada ou construir mais identidade a si – de qualquer modo, é como se dissesse: *isto sou eu; isto diz de mim*.

Nesse sentido, especialmente no contexto do adolecer, a ampliação do mundo simbólico pela arte é particularmente poderosa. A passagem da infância à adolescência é marcada por um processo doloroso, conforme descrito por Freud (1905/2016), no qual o sujeito se depara com a incompletude de si mesmo e as perdas associadas às mudanças corporais e às fantasias infantis. Esse período envolve o luto pelas figuras parentais idealizadas, exigindo novas identificações, escolhas e regras, operando uma transição do laço familiar para o social, ou seja, um investimento na realidade (Freud, 1905/2016). No entanto, se há a emergência do novo, há, conseqüentemente, a emergência de um estranhamento, o qual traz em si questionamentos acerca das certezas do mundo e de si.

De tal modo, segundo Rassial (1999), considerando que a estrutura de identidade se modifica, o sujeito então carece de um novo Outro para ter ressonância e dar contornos à identidade, portanto, busca simbolicamente na cultura e no social, novos caminhos para encontrar lugares que ressoem com seus conteúdos internos e ideais.

Dessa maneira, para o adolescente, a possibilidade de entrar em contato com a arte por meio do grupo – como é feito no presente projeto – apresenta-se em um preciso local que fundamenta a mobilização de seus conteúdos, pois – considerando seu “Eu como o lugar das identificações onde o sujeito se relaciona a partir de uma falta e busca sua unidade de ser numa relação que será sempre dissimétrica” (Stenner, 2004, p. 58) –, é neste reconhecimento de sua imagem que ocorre o exercício transformador de transição do mundo fantasioso infantil para o contato criativo e realista no mundo adulto (Poli; Faissol, 2016).

Assim, os sujeitos do adolescer, tanto se identificam neste processo de atravessamento simbólico e se compreendem nos personagens das histórias contadas, quanto se sentem atingidos por sentimentos que os fazem pensar para além do que é esperado. Nessa senda, nota-se uma possibilidade, isto é, o trabalho do projeto passa a desempenhar um papel de libertação de uma subjetividade institucional, e conseqüentemente oportuniza a construção de outras subjetividades para além das infantis, ou seja, torna-se um “mediador cultural e produtor simbólico, ampliando o conhecimento das experiências humanas, a percepção e a profundidade da compreensão dos fenômenos expressos nas obras” (Silva *et al.*, 2015, p. 5).

Quer dizer, esta nova realidade expande seu repertório simbólico, ao passo que o capacita para forma de ressignificar as experiências e construir um espaço de resistência diante das imposições sociais. Para Bastos (2015, p.138) isso se explica à medida que “a primeira coisa que nos diz uma obra de arte é que o mundo da liberdade é possível, e isso nos dá força para lutar contra o mundo da opressão. A arte é a antítese da sociedade”.

Portanto, depreende-se que este contato dado nos espaços de escuta, não só representa um papel importante por subsidiar possíveis representações das questões do mundo interno do sujeito que estão excedendo suas capacidades de simbolização e utilizando das fantasias infantis (Bettelheim, 2021), mas também, tal qual um convite, instiga diferentes maneiras de existir, vivenciar a realidade e estimular o pensamento crítico em conjunto com um momento mais adulto (Rivera, 2007). Em consonância com

isto, Machado de Assis (1997, p. 44) elucida: “palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução”.

Nesse sentido, para Azevedo (2006), a arte, a psicanálise e o grupo atuam em função do *objeto-a*, o objeto que desperta o desejo, revelando a insuficiência do sujeito e impulsionando-o a se expressar, a elaborar mais, a agir ainda que em conflito. É, portanto, nessa direção que a proposta de utilização de oficinas de arte se inscreve em “uma travessia mediada pela arte para um lugar outro. Como nomeou uma das adolescentes do grupo, ‘do ateliê para o mundo’” (Lima *et al.*, 2013, p. 793).

Tal elaboração ocorre, segundo a autora, justamente por meio de uma retroação, ou seja, de uma revisitação à própria história, em que as feridas psíquicas podem ser ressignificadas. Nesse ponto, a autora se aproxima da concepção freudiana (1937/2018), para quem o trabalho analítico consiste em dar sentido ao que outrora foi vivido como enfadonho ou repugnante, possibilitando que essas experiências passem a ocupar outro lugar na economia psíquica. É precisamente isso que o contato artístico e crítico propõe: uma reabertura de sentidos e sensações, promovendo a transformação daquilo que parecia impossível de ser suportado.

Dito isto, Silva (2024) ainda revela que a literatura, especialmente por exercer papel instrumental de identificação e simbolização inconsciente, torna-se um dispositivo privilegiado para a suscitação de sentidos e o processo de elaboração psíquica. Segundo a autora, fundamentada na concepção freudiana (Freud, 1937/2018), justamente por meio da revisitação à própria história que as feridas psíquicas podem ser ressignificadas, dando sentido as feridas que lá se estabeleceram, para que assim, aquilo que era enfadonho e repugnante, possa permanecer como possível - justamente o que o contato artístico e crítico propõe, uma revisitação aos sentidos e sensações. Portanto, de acordo com Silva (2024, p. 108):

[...] podemos concluir que o processo identificatório da criança como herói ou heroína nos contos de fada, trata-se de uma identificação proveniente do campo simbólico do psiquismo infantil e manifesta na ludicidade dos pequenos. Consequentemente, os contos de fada por permitirem enquanto narrativa literária este acesso aos conteúdos psíquicos, conscientes e inconscientes dos pequenos, propiciando que a criança possa simbolizar novas formas de ressignificação das demandas provindas das relações e estruturas subjetivas estabelecidas nos anos iniciais. À vista disto, é legítimo pontuarmos que os contos de fadas são possibilidades de simbolização na clínica psicanalítica com crianças na primeira infância.

Diante disso, mesmo que não seja o objetivo central do projeto, se é possível constatar a importância das artes para a comunicação do inconsciente, conseqüentemente - haja vista que o leitor é levado a olhar para si (Kobori, 2023) e partilhar desses conteúdos com o outro, seja por meio da arte ou da fala (Lima *et al.*, 2013) - depreende-se certo nível de efeito terapêutico. Logo, a arte, e especialmente a experiência da leitura, faz articulações e aproximações com o *Real*, isto é, aquilo que circunda o sujeito sem ser posto em palavras, tornando visível o invisível, ao revelar, pelo fazer sentir e fazer dizer, aquilo que o sujeito ainda não conseguiu simbolizar nem imaginar (Lacan, 1964/2008).

Todavia, vale destacar que, embora exista tal efeito, o campo não se torna nem se pretende tornar, nesta medida, psicoterapia de grupo. Aqui, embora não se possa esquecer o olhar clínico da área não clínica ao que toca aos aspectos humanos (Kobori, 2013), pensa-se em uma abordagem em extensão para qualquer local que couber a escuta, considerando que “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais” (Rosa, 2004, p. 342). Logo, o mediador não deve ter como intuito a análise sucinta do que fora enunciado pelos adolescentes, tal qual far-se-ia dentro da psico-intervenção individual. O importante a enfatizar neste sentido é que, aqui, objetiva-se a escuta especializada da demanda trazida pelo do sujeito contemporâneo, que perpassa o conteúdo da obra ou do Outro, de forma a possibilitar que esta seja vista, ouvida e entendida na, e pela, relação que ali se forma,

Portanto, tal qual evidenciam Lima *et al.* (2013) acerca das implicações subjetivas da alternativa psicanalítica de atividades em grupo, no projeto “Psicanálise, Literatura e Cinema”, a arte desempenha um papel fundamental atravessando o processo da adolescência na criação de espaços de escuta e expressão dos sujeitos, de modo que, ao se envolverem com a literatura, pintura, música ou qualquer outra forma de manifestação artística, os jovens são incentivados a mergulhar em suas próprias emoções e pensamentos, abrindo portas para o autoconhecimento e exploração simbólica de si e do mundo. Logo, este contato com a arte proporciona um meio de comunicação das suas angústias e desejos, bem como fortalece suas capacidades de reflexão crítica e social. Assim, a escolha pelo grupo e pela arte justifica-se como uma possibilidade poderosa que capacita a construção de um ambiente acolhedor e enriquecedor, com o intuito de encontrar novas perspectivas e vínculos com seus semelhantes, pois, como Clarisse Lispector diz: “porque há direito ao grito. Então eu grito” (1998, p. 6).

Resultados e discussão

Os adolescentes, ao percorrerem pelas diversas esferas de suas vidas — como a família, a escola e a sociedade —, são frequentemente influenciados por discursos que os rotulam e os moldam conforme normas e expectativas já estabelecidas, sem considerar sua identidade como sujeitos. Esse enquadramento dos significantes do discurso institucional, muitas vezes, dominantes na atualidade, tal qual o discurso médico, pedagógico e neoliberal “propiciam uma desimplicação subjetiva” (Motta; Lima, 2024, p. 256), assim, adquirindo uma forma discursiva submetida ao Outro, respondendo de um lugar e um saber imposto a si e distanciando-o de significantes próprios, ou melhor, “impedindo que o próprio adolescente fale sobre o seu mal-estar” (Motta; Lima, 2024, p. 256). Isto é, visto por meio de categorias como indisciplina, inadequação ou desmotivação, acabam por se identificar com aquilo que imputam a ser significante de si, marcando um ciclo de incompreensão, no qual o adolescente não encontra espaço para se traduzir em palavras ou sentidos que lhe pertençam.

Dessa forma, o silêncio cresce, pois ao transitarem do ambiente familiar para o social, acabam revelando de maneira única as dinâmicas sociais atravessado por um discurso de conflitos que os marca nas relações sociais como desviantes, problemas ou preguiçosos. Assim, os patologizam ou criminalizam por meio de um discurso do Outro silenciador que veda suas expressões do desejo, e o adolescente, sem conhecer outro discurso e outras expressões de si que podem existir no mundo, acaba por se identificar com aquilo que coloca em si ou no outro (Rosa *et al.*, 2019).

Nesta lógica, encontra-se uma opção ao silenciamento: o espaço para escuta, o qual não é só um ato de resistência, mas também, um ato subversivo. Aqui a ética na psicanálise representa um ponto de partida fundamental para a prática do analista, estando intimamente ligada ao seu desejo como o “desejo de que o outro deseje” (Gurski; Strzykowski, 2018, p. 83). Em outras palavras, diferente do discurso institucional silenciador, não podemos desejar pelos adolescentes. As rodas de conversa, oferecendo espaço para o sujeito adolescente surgir, suas palavras ecoarem e seu desejo ser ouvido, possibilitam o encontro com um saber não homogêneo para a construção de um sujeito ainda em desenvolvimento (Catroli, Rosa, 2013). Nossa função, portanto, não se trata de um tratamento psicanalítico, mas sim fazer circular palavras nas malhas discursivas compartilhadas, que tem na associação livre coletivizada o seu ponto de sustentação.

Deste modo, partindo do pressuposto que a escola muitas vezes silencia a subjetividade dos adolescentes, mas práticas como grupos de escuta e atividades artísticas permitem que eles expressem seus desejos e ressignifiquem experiências em um espaço coletivo de troca, a seguir, serão apresentados relatos de experiências que ilustram essas dinâmicas, evidenciando como as atividades do projeto de extensão "Psicanálise, Literatura e Cinema" proporcionaram oportunidades concretas para a expressão subjetiva e o encontro com o desejo com as duas turmas do ensino médio da escola estadual ao longo dos anos de atuação.

A primeira turma foi uma turma de primeiro ano do ensino médio, a qual foi dividida em dois grupos por conta da grande quantidade de alunos, com três discentes participantes do projeto responsáveis por cada lado, com aproximadamente 12 adolescentes para uma turma "A" e mais 12 para turma "B".

Logo no início, fora feito um encontro para identificar quais demandas apareceriam neste grupo, uma vez que se tratava de um primeiro contato. Como esta sala estava iniciando no ensino médio, foi possível perceber logo de início o sentimento de deslocamento e insegurança perante os colegas e mudança de nível educacional, formalizado em enunciações sobre o sentimento de ser criança e da imaturidade da turma. Assim, pensou-se, para o todo, em trajetórias de encontros que fizessem um primeiro contato com temáticas importantes a serem discutidas sobre a autopercepção deles para si e socialmente, de modo que os temas escolhidos também foram introduzidos a se encaixar nas vivências cotidianas deles.

Assim, utilizou-se da contação de histórias em todos os encontros, a fim de suscitar reflexões internas e iniciar discussões por eles construídas. Em primeiro lugar, suscitando a temática geral da identidade, levamos o poema homônimo de Pedro Bandeira e o conto "O Espelho" de Machado de Assis. A partir de suas colaborações e contagem de história a turma se envolveu em uma discussão sobre as influências da identidade do sujeito e de onde vem a essência das pessoas. Passando por perguntas pertinentes como "a personalidade pode ser mudada?"; "as pessoas são para sempre iguais?" entre outras, o grupo foi apresentando diversos pontos de vista diferentes sobre a constituição da identidade do sujeito e suas características.

Igualmente, em sequência e aproveitando o caminho aberto pelos adolescentes, nos próximos encontros revelamos temas como o futuro e os sonhos pessoais de cada um com os textos "Pedaços de Mim" da Martha Medeiros e "Um Sonho e Outro Sonho" de

Machado de Assis e a loucura com “O alienista” do mesmo autor. Todas estas rodas de conversas foram propostas a fim dos estudantes se depararem com uma visão diversa daquela proposta pela escola e de seu cotidiano comumente, ao passo que, começaram a questionar a si mesmos e as estruturas sociais do porquê as coisas são como são.

No último encontro fora feita uma encenação com base na “Crônica Social” de Clarice Lispector. Oferecemos para os adolescentes a possibilidade de montarem uma curta peça teatral que explicasse, em seu ponto de vista, como as relações funcionam na atualidade, quer dizer, o porquê as pessoas formam grupos e os mantêm.

Em resultado, fundamentando a discussão final dos encontros, foi possível verificar a construção de narrativas, que segundo Rocha e Lima (2021) executam o papel de trazer visões pessimistas, otimistas, de outras culturas, de experiências reais entre outras situações, mas sempre levando em conta a dimensão da alteridade, evidenciando como os encontros anteriores refletiram em um maior pensamento crítico perante si e outros.

Portanto, pôde ser visto que se trata de produzir dispositivos que têm lugar no coletivo, ao passo que produz em função de uma associação livre singular e coletivizada, os sujeitos consigam abstrair significantes e dar voz ao seu mal-estar social e íntimo, seja refletindo sobre como sua identidade é construída a partir do outro e como cada cultura a molda, seja questionando os sonhos que tem para sua vida e se são de fato reais, ou ainda questionando o quão loucos somos, ou melhor dizendo, esta é a grande questão: questionar os nomes dados a você a fim de reconhecer-se em si.

Em outra experiência dada em campo, traz-se a sala do terceiro ano do ensino médio, a qual contava na lista oficial com um total de onze alunos, todavia, os encontros contavam com a participação de oito ou nove integrantes. Isso acontecia em razão da falta frequente de alguns adolescentes, o que parecia estar conectado a algo que foi percebido ali, isto é, um cansaço bem grande no semblante dos alunos, em função de questões como as atividades produzidas na escola, o tempo integral de aula e ainda, alguns trabalhavam no período noturno. A partir disso, já se elege uma possível problemática que ficava evidente nos trabalhos com o terceiro ano, ou seja, de que a escola aparece como responsável pelo “sucesso ou fracasso dos alunos, pois os jovens perdem muito rapidamente o entusiasmo pelos estudos no ensino médio” (Silva Filho; Araújo, 2017, p. 37).

Com isso, pensa-se no debate a respeito da evasão/ abandono escolar, bem como a repetência, que se tratam de processos complexos e cumulativos, e que estão distantes de estarem relacionados a simples características individuais dos sujeitos. Dessa forma, percebe-se um caráter reprodutor da escola enquanto aparelho ideológico do estado, de maneira a refletir os modos como a instituição recebe e exerce suas ações sobre os diversos sujeitos em diferentes tipos de sociedade, que no caso dos alunos, resulta em adversidades escolares (Silva Filho, Araújo, 2017).

Diante disso, nota-se o efeito que a escola enquanto instituição produz sobre os alunos, ou seja, uma atuação que acaba por agir quase que “coagindo” a subjetividade desses sujeitos (os alunos), já que o ambiente escolar enrijece sua estrutura e suas atividades, visando moldar os alunos seguindo determinada direção, o que acaba por fechar espaços que possibilitam os fluxos de subjetividade. Assim, “ao tomar uma posição dominante e organizada, a reprodução desses componentes desqualifica aquelas ações que colocam a vida em movimento” (Mansano, 2009, p. 111), e por isso, conectam-se ao frequente desinteresse, frustração e semblante de cansaço visualizado nos alunos do último ano do ensino médio, posto que se mostram exaustos com a dominância exercida sobre eles.

Para seguir a discussão, pontuamos que ficaram responsáveis pela turma três alunos do curso de Psicologia participantes do projeto, que trabalharam com temáticas envolvendo questões como a angústia, perspectivas para futuro, as emoções, relacionamentos/ relações, e problemáticas sociais em geral.

Quanto ao desenvolvimento das propostas, fez-se uso da contação de histórias, trabalho com livros e poemas, atividades de escrita e desenho, dinâmicas, e principalmente, o estabelecimento de debates críticos com os alunos, de maneira a estabelecer um pensamento grupal a respeito de discussões sociais e culturais. Por exemplo, fez-se uso da contação de história do livro “Angústia” de Graciliano Ramos, visando trabalhar os sentimentos ali envolvidos, possíveis semelhanças com as vivências dos alunos, e outros tópicos que viessem a aparecer na discussão.

Com isso, apesar do cansaço visualizado no semblante cotidiano dos alunos, destaca-se que a turma foi muito cooperativa no desenvolvimento da proposta, facilitando o estabelecimento do vínculo entre os mediadores (graduandos de Psicologia) com a sala, fazendo com que assim, as atividades fossem bem desenvolvidas, e propiciando uma melhor experiência tanto para a turma, que ganha com o fortalecimento do pensamento

coletivo, quanto para os discentes do curso de Psicologia, que puderam obter maiores conhecimentos de observação e no trabalho com grupos de adolescentes. Assim, fica perceptível como ambientes de estímulo para o pensamento, e para falar sobre questões sociais e emocionais faz-se fundamental, visto que o período da adolescência é permeado por frequentes mudanças.

Considerações finais

Conclui-se, então, que a presença da Psicologia em escolas e em contextos que envolvem adolescentes é essencial, pois permite uma abordagem cuidadosa para lidar com desafios cotidianos vivenciados naquele ambiente. Dessa forma, a prática da ciência psicológica e da psicanálise vai além do atendimento clínico em terapias, abrangendo também diferentes áreas, como a escolar, o que favorece a promoção de reflexão, resistência relacionados a questões sociais.

Assim, o projeto de extensão Psicanálise, literatura e cinema se destaca como uma iniciativa significativa, uma vez que introduz a Psicologia no ambiente escolar de maneira não terapêutica, mas com o objetivo de fomentar um pensamento mais solidário e coletivo, evitando a imposição de uma perspectiva moralista ou que simplesmente rotule os jovens, possibilitando que os adolescentes se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias. Nessa senda, eles se tornam produtores de sua narrativa, atuando em grupos e comunidades, o que contribui para o desenvolvimento de sua criatividade e para a realização de suas potencialidades em um contexto coletivo.

Esse projeto, portanto, que acontece há aproximadamente dois anos em uma escola estadual de um município do interior, foi pensado inicialmente para a contribuição de um debate acerca de temáticas relacionadas à cultura e a assuntos ligados com a prática da Psicologia. Com o passar dos semestres, modificações aconteceram de acordo com a demanda observada dentro da escola e atualmente atende aos alunos do ensino médio.

Nota-se, assim, um retorno positivo tanto por parte dos alunos da escola que são assistidos quanto da coordenação da escola, que sempre age para acolher os estudantes de Psicologia que participam deste projeto, oferecendo auxílio para que esse ocorra. Tais retornos podem ser representados em maiores facilidades de comunicação, discussões mais profundas ao longo do tempo, mudanças nos projetos de vida singulares, diminuição dos conflitos internos nos grupos, início em tratamentos psicológicos, e, principalmente,

aumento no pensamento crítico. Além do benefício ofertado para a comunidade, que muitas vezes não está habituada com a prática do psicólogo, esse projeto, de caráter extensionista, contribui para a formação e experiência de campo dos estudantes de psicologia que dele participam, indo além dos muros do campo universitário.

Referências

ASSIS, M. Histórias sem data. In: ASSIS, M. **Primas de Sapucaia**. São Paulo: Globo, 1997. p. 43-49.

AZEVEDO, A. V. Ruídos da imagem: questões de linguagem, palavra e visualidade. In: RIVERA, T.; SAFATLE, V. (Orgs.). *Sobre Arte e Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 13-29.

BASTOS, H. Posfácio: Inferno, alpercata: trabalho e liberdade em Vidas Secas. In: RAMOS, G. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 129-138.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

CATROLI, V. S. C.; ROSA, M. D. Laço social na adolescência: a violência como ficção de uma vida desqualificada. *Estilos da Clínica*, v. 18, n. 2, p. 297-317, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/issue/view/6146>. Acesso em: 23 dez. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005. CFP, 2005.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 19**: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 274-327 (Trabalho original publicado em 1937).

FREUD, S. O interesse da psicanálise. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 11**: Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 328-363. (Trabalho original publicado em 1913).

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 15**: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 9-100 (Trabalho original publicado em 1921).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Obras Completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Trabalho original publicado em 1905).

GURSKI, R.; STRZYKALSKI, S. A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? **Tempo psicanalítico**, v. 50, n. 1, 72–98, 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 dez. 2024.

GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na clínica e na escola. Porto Alegre: Artmed, 2020.

HERRMANN, F. **Sobre os fundamentos da psicanálise**: quatro cursos e um preâmbulo. São Paulo: Blücher, 2017.

KOBORI, E. T. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v.12, n.2, p.73-81, 2013. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442013000200006. Acesso em: 23 dez. 2024.

KOBORI, E. T. **Psicanálise e literatura**: a questão da interpretação. 2023. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/69133>. Acesso em: 23 dez. 2024.

LACAN, J. Estádio do espelho como formador da função do eu: tal qual nos revela a experiência psicanalítica. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 97-103. (Trabalho original publicado em 1937-1949).

LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Trabalho original publicado em 1964).

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. *São Paulo*: Boitempo, 2019.

LIMA, M. C. P.; MARTINS, K. P. J.; ROCHA, L. P.; PARENTE JUNIOR, P. A.; CASTRO, I. P.; PINHEIRO, N. M.; DOMINGUES, M. Arte e Mediação Terapêutica: Sobre um Dispositivo com Adolescentes na Clínica-Escola. **Revista Subjetividades**, v. 13, n. 3-4, p. 775-796, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n3-4/15.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2024.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MANSANO, S. R. V. *Sujeito, Subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade*. **Revista da Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009. Disponível em: <https://mail.revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78>. Acesso em: 22 dez. 2024.

MOTTA, J. P. S.; LIMA, N. L. Intervenções psicanalíticas em escolas públicas: metodologias de escuta no coletivo. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 252-270. 2024. Disponível

em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/51551>. Acesso em: 23 dez. 2024.

POLI, M. C.; FAISSOL, K. R. Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 3, p. 833-851, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/ZX5v7PPJ3sY6DBGtRLzmLgy/?lang=pt#>. Acesso em: 23 dez. 2024.

RASSIAL, J.-J. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RIVERA, T. O Sujeito na Psicanálise e na Arte Contemporânea. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 1, p. 13-24, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100002. Acesso em: 23 dez. 2024.

ROCHA, L. P.; LIMA, M. C. P. A Juventude *En-Cena* na Escola: a educação no encontro com a cidade. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 1, p. e109163, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/Rv7sfhMPhk5dTxyVBMw8mD/>. 23 dez. 2024.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008. Acesso em: 23 dez. 2024.

ROSA, M. D.; FERREIRA, M. B.; SOUZA, P. S.; VICENTIM, M. C. G. Os trabalhadores do social e os impasses frente às demandas da adolescência: política e singularidade. In: GURSKI, R.; PEREIRA, M. R. (Orgs.). **Quando a Psicanálise Escuta a Socioeducação**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 31-52.

SILVA, R. F. **Fenômeno psicossomático na infância**: os contos de fadas como possibilidade de intervenção na clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Caravana, 2024.

SILVA FILHO, R. B.; ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação Por Escrito**, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/24527>. Acesso em: 10 jan. 2025.

STENNER, A. S. A identificação e a constituição do sujeito. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 24, n. 2, p. 54-59, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 dez. 2024.